

DONNA KAUFFMAN

BEST-SELLER DO USA TODAY

*delicia,
delicia*

Ficar
na cozinha
nunca foi *tão*
gostoso



valentina 

"DELICIOSAMENTE SEXY!"
Carly phillips

delicia,
delicia

Ficar
na cozinha
nunca foi
tão gostoso

DONNA KAUFFMAN

*delicia,
delicia*



valentina 
Rio de Janeiro, 2016
1ª Edição

Copyright © 2012 by Donna Kauffman
PUBLICADO MEDIANTE CONTRATO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP. NY, NY USA.

TÍTULO ORIGINAL
Sugar Hush

CAPA
Beatriz Cyrillo

FOTO DE CAPA
Ruth Black/Stocksy

DIAGRAMAÇÃO
Babilonia Cultura Editorial | Kátia Regina Silva

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K32d

Kauffman, Donna

Delícia, delícia / Donna Kauffman; tradução Ana Death Duarte. – 1. ed. –
Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
296p. ; 23 cm. (Clube do cupcake; 1)

Tradução de: Sugar rush
ISBN 978-85-65859-96-7

1. Romance americano. I. Duarte, Ana Death. II. Título. III. Série.

16-31069

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Este livro é dedicado a todos que entendem a simples alegria encontrada ao se retirar a forminha de uma guloseima com cobertura e saborear o maravilhoso prazer encontrado em um único cupcake.

Vocês fazem parte do meu

Clube do Cupcake.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas a quem agradecer, entre as quais meu instrutor de zumba na academia, que está me ajudando a me livrar dos centímetros de “pesquisa” que adquiri desde que comecei a escrever este livro. E devo dizer que foi muito mais divertido ganhá-los do que perdê-los!

Meu profundo e sincero apreço a todos os donos e funcionários de confeitarias de cupcakes e padarias que responderam às minhas infundáveis perguntas, que me levaram em diversos tours por suas cozinhas, que me explicaram inúmeros e detalhados processos dos negócios e de culinária, e, acima de tudo, que me deixaram experimentar os produtos! (Tudo em nome da pesquisa, é claro. Vide o primeiro parágrafo.) A Crumbs, na Broadway; a Magnolia, em Midtown; a Edibles Incredible, no Reston Town Centre; The Cupcakery, em St. Louis (Crave the Cup!); a Nostalgia, em Annapolis; e a Hello, Cupcake!, no Dupont Circle... só para citar algumas.

Meus agradecimentos vão também aos meus gurus da internet, que me ajudaram a criar meu blog sobre cupcakes em meu site, a colocá-lo no ar e atualizá-lo, de forma que eu pudesse descrever e compartilhar minhas aventuras e desventuras ao descobrir, em primeira mão, o necessário para se tornar uma pâtissière e confeitadeira especializada em cupcakes. Eu aconselharia você a não tentar fazer isso em casa — mas eu fiz, ah, se fiz! E ainda estou fazendo.

Obrigada a Frank, James, Martha e a minha mãe por serem meus instrutores, tanto pessoalmente quanto por mensagens e ao telefone. Juro que vou ficar melhor nisso. E prometo que incidentes como aquele em que queimei a manteiga no fogão nunca acontecerão de novo.

Obrigada a todos no Food Network e no Cooking Channel por me ajudarem com as inúmeras espiadelas nos bastidores para entender como os programas vão ao ar, e por responderem com paciência às minhas perguntas e me deixarem ter acesso a tantas informações. A Giada, Bobby, Tyler, Ina, Alton e ao chefão, obrigada

8 *Donna Kauffman* DELÍCIA, DELÍCIA

por me fazerem companhia nas madrugadas. Vocês são os melhores chefs e os melhores amigos que uma garota poderia ter.

A todos aqueles que me concederam tão graciosamente seu tempo e com tanta generosidade compartilharam comigo seus talentos consideráveis, queiram aceitar meu pedido adiantado de desculpas pelas vezes em que me servi de licença poética para os propósitos da história. Vocês todos me ajudaram muito, possibilitando que eu baseasse este livro em um mundo e um cenário tão realistas quanto possível. Quaisquer erros cometidos ou liberdades tomadas são totalmente meus.

E, por fim, obrigada à maravilhosa Alicia Condon, cujo entusiasmo por este livro, tanto como editora quanto como colega confeitadeira, foi além do que qualquer escritora poderia ter esperado!

Bon appétit, cupcake!

CAPÍTULO 1

FORAM OS CUPCAKES QUE A SALVARAM. ERA NISSO QUE LEILANI TRUSDALE PENSAVA ENQUANTO EXTRAÍA CUIDADOSAMENTE O CENTRO DO ÚLTIMO CUPCAKE FLORESTA NEGRA. DEPOIS, COLOCOU DE LADO O DESCAROÇADOR E PEGOU O SACO DE CONFEITAR, CHEIO DE TRUFA DE framboesa. Ela sentiu os aromas mesclados de chocolate meio amargo e frutas. Era realmente inspirador. Quanto poder uma única guloseima confeitada era capaz de exercer. Cupcakes eram sempre uma bênção!

Lani ajeitou a ponta do saco, colocando-a na posição certa.

— Então, agora é só com vocês, meus saborosos amiguinhos. Façam a sua magia. Resolvam meus problemas.

Leilani concentrou-se, com atenção e exagero, em colocar a quantidade precisa de recheio dentro de cada um dos 156 cupcakes enfileirados nas bandejas sobre a bancada de aço inoxidável. Era completamente desnecessário. A concentração exagerada, não o recheio. Ela poderia rechear uma mesa repleta de cupcakes de olhos fechados. Dormindo. Com apenas uma das mãos. Até mesmo pulando em um pé só. Nunca tentara, mas apostou que conseguiria fazê-lo.

É claro que havia outras coisas que nunca fizera antes, coisas grandes, importantes, em que também tinha apostado. E todas elas haviam se concretizado. Todas mesmo. Então, deveria se sentir confiante quanto à mais recente, não? Essa imensa e ridícula aposta que a mantinha acordada noite após noite, perguntando-se em que diabos estava pensando quando tomara aquela decisão.

Teria ficado louca, deixando em Nova York uma carreira pela qual trabalhara como uma escrava, à qual dera o sangue e suara a camisa, além das muitas lágrimas que derramara? E tudo para começar do zero na pequena ilha de Sugarberry e abrir a sua própria confeitaria.

Quem fazia uma coisa dessas?

— Eu fiz — disse em voz alta, de forma um tanto provocativa, na esperança de que a declaração lhe inspirasse confiança.

Não que ela não pudesse voltar a Nova York se tudo desse errado. Não odiava a vida que construíra lá. Totalmente. Então, Lani tinha um plano B... se fosse mesmo necessário.

Seu celular vibrou no bolso do seu dólma. Franzindo o cenho, Lani pôs de lado o saco de confeitaria e limpou as mãos para pegar o aparelho. Só uma pessoa lhe telefonaria ao nascer do dia. Ela apertou o botão de mudo no controle remoto do aparelho de som, silenciando a trilha sonora de *Star Wars* — todo mundo tinha uma seleção de músicas, a dela só calhava de ser composta de hits de seus filmes prediletos —, e então ativou o viva voz antes de colocar o aparelho em cima da bancada.

— Oi, Charlotte — cumprimentou Lani. — O que conta de novo? Além de estar madrugando?

Ela pegou o saco de confeitaria novamente e voltou ao trabalho, inquieta demais para ficar conversando parada.

Inquieta e com raiva.

— Pela sua voz, já estava acordada — disse Charlotte —, o que significa que está na cozinha.

— Onde mais eu estaria?

— Você mora na Geórgia agora, onde até mesmo os pâtisseries devem dormir até depois das cinco da manhã.

— Não se quiserem que seus produtos estejam assados e confeitados antes de abrirem a confeitaria.

— Você não está em Atlanta. Quantos cupcakes a população inteira da ilha de Sugarberry poderia consumir em um dia?

— Char...

— Responda. Quantas prateleiras de cupcakes você tem aí neste momento?

Lani não respondeu. Sabia que a verdade a incriminaria por completo. De vez em quando, amigos podem ser um pé no saco. Especialmente as melhores amigas. Elas sabem demais.

— De chocolate? — sondou Charlotte.

Lani soltou um suspiro.

— Floresta Negra. São 156 no total. — Como Charlotte se manteve em silêncio, Lani soltou outro suspiro. — Tá. Com recheio de trufa de framboesa. E cobertura de ganache de chocolate processado.

— Ah, não! Tarde demais! Você ficou sabendo!

— Tenho que fazer esses cupcakes. — Lani tentou não ficar na defensiva, já consciente de que não conseguiria quando as palavras saíram de sua boca. — Eles são para o Clube dos Kiwanis.

— Que diabos é um Kiwani? — perguntou Charlotte. — Deixa pra lá. Não sei se quero saber. Menos ainda por que estão se reunindo em clubes.

— Faz parte do festival anual de outono daqui — explicou Lani. — Começa com um imenso jantar comunitário hoje à noite. Os Kiwanis arrecadam dinheiro para projetos sociais, então estou contribuindo com cupcakes para ajudar a causa.

— Pelo amor de Deus, Lan, você está trabalhando... o quê, em feiras agora? As coisas estão indo tão mal assim para chegar a esse ponto? — A cadência do sotaque indiano de Charlotte saiu um pouco mais forte do que de costume, o que sempre acontecia quando estava preocupada.

— Sua confiança é inspiradora. Não estou ajudando o coral da escola a arrecadar dinheiro. Estou fazendo cupcakes especiais, arrumados em caixinhas, como parte de um enorme leilão que eles vão realizar como evento de abertura depois do jantar. As pessoas aqui me apoiam. Estou feliz em ajudar. E o Clube dos Kiwanis, que estou patrocinando, vai doar todo o dinheiro arrecadado para a expansão dos centros da juventude e da terceira idade.

— Viu? O fato de vocês precisarem manter seus jovens e idosos em centros é o que mais me preocupa em relação a essa sua repentina mudança de vida — retorquiu Charlotte. — Mas já tivemos essa conversa. Torço pelos seus cupcakes. Mesmo que você ache que precisa se isolar numa ilha no meio do nada.

Lani sabia disso, sim. Charlotte podia não entender suas intenções, mas fazia seu melhor para apoiá-la.

— Você precisa vir até aqui, Char. Vai ver só. Morar nesta cidade é como viver em um abraço coletivo apertado e eterno. Você não consegue acreditar em como é ter tanto apoio. Quero dizer, em grande parte é porque sou uma Harper, e minha bisavó era reverenciada aqui, mas eles são muito sinceros quanto a isso. E a sensação é... bem, na verdade, é o máximo. Vem pra cá. Vem sentir o amor de Sugarberry.

Então você vai entender, eu sei que vai. Nunca se sabe, poderia até mesmo resolver ficar por aqui.

Lani abriu um sorriso. Se fosse possível ouvir uma pessoa estremeando, com certeza ouviria Charlotte agora.

— Sinto sua falta.

— Eu também. No momento, porém, temos coisas mais importantes a discutir. Não achei que você já soubesse. Foi por isso que liguei tão cedo. Queria dar a notícia primeiro. Você está bem?

Lani espremeu o saco com mais força do que o necessário, mas conseguiu evitar formar um vulcão de trufa de framboesa no cupcake. Ela não fingiu não saber do que a amiga estava falando.

— Estou bem.

Uma mentira completa, e uma mentira em que Charlotte não acreditaria nem por um segundo. Especialmente por causa dos cupcakes Floresta Negra e da ganache de chocolate processado, que acabaram entregando-a, fato.

— Como diabos *voce* sabe? Li sobre isso no jornal daqui faz menos de uma hora.

E esse era o motivo pelo qual ela estava recheando cupcakes como se sua vida dependesse disso.

— Eu ainda estou em Nova York, lembra? Nós ficamos sabendo de tudo primeiro. Franco me contou hoje de manhã, quando chegou. Ele está aqui me ajudando com os preparativos. Estamos fazendo serviço de bufê para uma festa regada a champanhe no Lincoln esta noite. Está uma loucura.

— *Bon matin, ma chère!* — gritou Franco de algum lugar ao longe, pelo viva voz.

Lani nunca deixava de se divertir com o sotaque forçado dele. Franco era alto, sedutor e moreno. Era o mais jovem de sete filhos, com seis irmãs mais velhas, e era o melhor amigo gay que uma garota poderia ter. Mas ele fora batizado como Franklin Ricci e criado no Bronx. Era tão francês quanto beisebol e torta de maçã caseira. Ainda assim, de alguma forma, conseguia se passar por um típico parisiense.

— *Bonjour, mon ami* — disse Lani, feliz por ouvir a voz animada dele, mas sentindo-se muito longe de ter o mesmo ânimo que Franco.

— Antes que você pergunte — disse Char —, ele ficou sabendo da novidade na noite passada: ouviu de um assistente de produção do programa do Baxter por

quem arrasta uma asa há um mês. Eu tive que contar a você assim que fiquei sabendo. Ainda não foi amplamente divulgado, então não é notícia nacional.

— Será notícia internacional quando finalmente ficarmos juntos, *ma chère* — falou Franco meio cantando. — E nascemos para ficar juntos. Como o melhor chocolate belga com recheio de baunilha francesa. Hum-hum. Apenas para uso privado.

A risada dele ecoou pela cozinha de Lani.

— Sério, Franco — falou Char em tom de bronca. — Ninguém se importa com sua última conquista. Estamos em um estado de emergência aqui.

— Quase conquista. E é amor de verdade desta vez, *chérie* — disse Franco, com um suspiro desejoso e dramático. — Ou poderia ser.

— O que mais você sabe? — perguntou Lani, sentindo um pouco de náusea, junto com inquietação e raiva. — O que exatamente você descobriu, Franco?

— Não muito — disse ele, momentaneamente abandonando o sotaque francês. — Só que a produção está se preparando, a todo vapor, para começar a filmar a próxima temporada em Sugarberry. Liguei uma coisa à outra na hora, mas ninguém falou nada em relação a isso. Nem sobre você. Pelo menos não que eu tenha ouvido. Agora, o site do Baxter e o site do programa estão anunciando a terceira temporada, que estreia esta semana. Baxter está circulando, indo a vários eventos para promover o programa, mas é apenas uma questão de tempo até que ele mencione a próxima, já que vai começar a ser produzida nesta semana também. Seus índices de audiência são tão altos que estão dizendo que as grandes redes de TV querem roubá-lo, para que tenha seu próprio programa durante o dia. Aparentemente, os executivos da rede dele estão insistindo para que comece logo a filmar a próxima temporada. Querem assinar logo com todos os patrocinadores, antes que os boatos fujam do controle. — Franco chegou mais perto do telefone de Charlotte. — Brenton disse que eles vão fazer um grande alarde sobre este primeiro episódio nos talk-shows matinais durante a semana. Alguém vai conseguir fazê-lo abrir o jogo.

— Brenton? — perguntou Lani. — Sério, Franco?

— Fica adorável nele, pode acreditar — disse o amigo, assumindo totalmente seu sotaque do Bronx agora. — Escuta, o Baxter deve fazer uma participação surpresa amanhã no programa *Today*. E, doçura, você sabe que Hoda e Kathy Lee vão ficar babando por ele, porque, hétero ou gay, quem não babaria? Elas vão trazer à tona os rumores, e eu não ficaria surpreso se ele mencionasse que já começou

a filmar a próxima temporada, só para acabar com as fofocas. A notícia vai vazar, *ma chère*. É claro que eles vão ligar A com B, pois é a única coisa a se fazer. É só uma questão de tempo.

Charlotte voltou à linha.

— Nós só queríamos te avisar antes, Lan. Eu não queria que você ficasse sabendo disso por nenhuma outra pessoa. Como seu jornalzinho local descobriu antes dos noticiários daqui?

— Pergunte ao Baxter.

Lani tinha certeza de que ele estava por trás da notícia. O homem era mestre em controlar os acasos do seu próprio destino. A questão para a qual ainda não tinha resposta era *por quê?* Por que ele estava fazendo isso? Tudo isso? Ela fez essas perguntas em voz alta.

— Eu não sei — respondeu Charlotte. — Mas, como o Franco disse, o seu nome não foi mencionado nem pela equipe nem pela produção, então não acho que alguma outra pessoa tenha notado.

— Bem, não sou famosa nem motivo de notícia, então por que alguém no set se importaria comigo? A única pessoa que vai ficar incomodada com essa coisa toda sou eu. Com tanto lugar no mundo, não entendo que explicação ele deu para justificar filmar o programa em Sugarberry.

— Lani — disse Franco, voltando a se meter na conversa —, você sabe que não se trata de uma coincidência. Eu não sei o que o Baxter falou para os chefes dele, mas obviamente caíram. Tem que haver um chamariz, não? E esse chamariz deve ser você.

— Mas por quê? Só porque trabalhei pra ele?

— Sabe que não é só isso. O mundo pode não estar prestando atenção agora, mas você sabe que é apenas uma questão de tempo antes da verdade aparecer. Qualquer notícia sobre o Chef Hot Delícia estar interessado em uma mulher, especialmente uma com quem ele já trabalhou, treinou, e a quem entregou a direção de sua amada confeitaria... e sobre quem, na época, rolaram umas fofocas bem interessantes... isso não será apenas uma notícia. Será *a* notícia.

A mera sugestão fez com que o estômago de Lani ficasse ainda mais embrulhado. Assim como acontecia, com frequência, “na época”. Mas a época tinha, misericordiosamente, visto seu fim havia dez meses. Ela queria manter as coisas assim.

— Não há notícia *nenhuma*. Vamos, você e a Char sabem disso melhor do que ninguém. Nunca houve motivo para aqueles boatos. Principalmente da parte do

Baxter. Vocês dois são os únicos que sabiam como *eu* me sentia, e eu os mataria durante o sono se tivessem aberto a boca.

Charlotte ficou ofegante.

— Você não acha que nós...

— Não, é claro que não.

Charlotte e Franco eram as duas pessoas em quem Lani mais confiava no mundo. Eles eram sua família, e o sentimento era recíproco.

— Não teria importado muito, de qualquer forma, mesmo que tivessem falado — prosseguiu. — Quero dizer, o mundo não se importaria com meus sentimentos por ele, porque o Baxter não se importa. Certamente não é algo digno de virar notícia agora. Sim, ele tornou a minha vida profissional um inferno por uns três anos, mas eu sabia que seria desse jeito. E, sim, ele nunca me defendeu das fofocas, nem ao menos uma vez. Mas, apesar de eu odiar aquela situação e ter ficado magoada, não foi exatamente uma surpresa que ele não tenha feito nada. O Baxter ignora completamente qualquer coisa que não seja de seu interesse. Então, também tenho certeza de que ele não fazia ideia de como minha vida era um inferno na época, e eu quero muito acreditar que não faz a mínima ideia de que está mexendo com um ninho de marimbondos ao vir até aqui. Não consigo imaginar que ele faria, de propósito, algo tão...

— Cruel? — disse Franco.

— Sádico? — acrescentou Charlotte.

— Inconsequente — finalizou Lani.

Charlotte soltou um suspiro.

— Como eu disse, ele teve que vender a ideia dele de alguma forma.

— Você acha que o Baxter me usou como motivo? Mesmo que tivesse feito isso, por que os produtores teriam caído na dele? Não há nada a ser explorado aqui. Nós nunca fomos nada além de colegas de trabalho.

— Tem razão, não parece algo que ele faria. Ainda assim, o homem está indo até aí, acompanhado por uma equipe de filmagem. É óbvio que teve que dizer algo à rede de TV, e não sei que outro argumento usaria para filmar em Sugarberry que não fosse você.

— Talvez ele realmente tenha se dado conta do quanto dificultou a sua vida — sugeriu Franco. — Pode ser que, da perspectiva dele, ambientar o programa na ilha de Sugarberry seja uma maneira de ajudar a consertar as coisas. Isso parece algo que ele faria.

Lani quase se engasgou com a própria língua.

— *Ajudar?* Como? Invadindo o meu santuário? Meu lar? E transformando-o em uma espécie de circo da mídia? Como diabos isso faria algo diferente de transformar a minha nova vida na mesma loucura infernal que acabei de deixar pra trás? Até o Baxter não é assim tão idiota.

Ou seria?

— Talvez as fofocas e os problemas nos bastidores da cozinha não tenham sido o chamariz. Ele pode simplesmente ter mencionado você, que largou uma carreira em ascensão como pâtissière premiada para abrir sua própria confeitaria de cupcakes na ilha. Como você está combinando os dois mundos? Eu não sei, mas isso é algo peculiar, único, e é meio que um chamariz — disse Charlotte, embora não soasse completamente convencida da ideia.

— Além disso — acrescentou Franco —, quando você foi embora, o que deixou para trás foi um bocado de gente impressionada com seu talento.

Quando Lani bufou, Charlotte acrescentou:

— Tudo bem, talvez tenham ficado impressionados e boquiabertos porque você provou que eles são um bando de asnos fofoqueiros e de mentes pequenas. Mas o que importa é que, agora, ninguém duvida do seu talento nem de você. — O sotaque perfeito e adorável de Charlotte sempre criava um contraste estranho quando ela ficava com raiva. Era como se estivesse levando uma bronca da realeza. — O Baxter te favoreceu e te escolheu porque seu talento fez com que merecesse esse tipo de apoio e treinamento. Ele deixou você encarregada da confeitaria porque era capaz de cuidar dela. O homem trata o Gateau como se fosse um filho. Ele nunca o teria confiado a uma pessoa qualquer. Quando você partiu, todo mundo sabia que mereceu tudo que conquistou.

— Essas mesmas pessoas não tiveram nada melhor a fazer do que espalhar fofocas cruéis e grosseiras sobre como achavam que eu “conquistei” o meu lugar, e em quantas posições eu fiquei, e com quanta frequência, para merecê-lo — disse Lani. — Eu sei o que diziam, Char. Todos nós sabemos o que diziam. Foi feio e nojento, e não vou fingir que não fiquei magoada. Muito magoada. Aquilo nunca aconteceu comigo antes.

— Porque você é boazinha — disse Franco. — É uma garota legal, a melhor amiga que todo mundo quer ter. É claro que a massacraram. Mas você, Lani, mostrou a eles que o buraco era mais embaixo.

— Franco, não aceitei gerenciar o Gateau quando o Baxter começou a filmar o programa de TV porque queria provar que eu merecia. Fiquei lá porque achei que era o que queria, aquilo pelo que tinha me esforçado tanto. Era o meu sonho. Sabia que tinha conquistado aquilo, porque fui eu quem ralei pelo meu objetivo. E isso era tudo o que importava.

Na época, de qualquer forma. Agora, sabia o que importava de verdade. E a cereja no topo do bolo era a satisfação que havia encontrado ali. Sim, Lani estava apavorada, pois a Cakes By The Cup era importante demais para ela. Mais do que tudo que já tivera na vida. Porém, entendia que seu caminho a levaria até ali. Então, estava grata pelas experiências, porque, no fim das contas, aprimorara seus talentos... e aprendera como era a vida em cozinhas cinco estrelas. Se houvesse uma forma de aplicar esse conhecimento para tornar sua confeitaria um sucesso, ela descobriria. Em Sugarberry, Lani havia encontrado felicidade e alegria. Sem nenhuma pressão externa nem situações desagradáveis e indesejadas, ela própria determinava suas metas e recebia as recompensas.

Só que, agora, todas as coisas que havia deixado para trás, especificamente as piores partes, estavam prestes a voltar à sua vida. O que Lani mais temia não era a volta dos fofoqueiros e das pessoas maldosas. Ela não esperava nada diferente vindo daquela gente. Qual a importância disso agora? Estava sã e salva, vivendo feliz em Sugarberry, longe daquele mundo. E longe do Baxter.

Como ele pôde fazer isso?

Lani voltou a colocar recheio de trufa de framboesa nos cupcakes em rápida sucessão, enquanto sua fúria aumentava.

— Estou bem aqui, Charlotte, vivendo minha vida. O Baxter, de quem, aliás, eu nunca recebi notícias, está feliz na televisão. E o Gateau está indo muito bem sem nenhum de nós dois lá. Então por que ele não pode me deixar em paz? Qual é a vantagem de vir pra cá? Não é coincidência, certo? Quero dizer, eu entenderia se o Baxter, os produtores ou quem quer que fosse desejasse filmar num local remoto, peculiar, incomum. A maioria das pessoas nem sabe que existem ilhas fora da costa da Geórgia. Tem um monte ao sul com resorts chiques e clubes luxuosos com restaurantes quatro estrelas que seriam perfeitos para o Baxter fazer suas sobremesas cheias de frescura. Aqui é uma ilha simples, no meio de santuários de natureza selvagem e barcos de pesca. É perto, mas um mundo completamente diferente das ilhas douradas da Geórgia. Se St. Simon é a Palm Beach das ilhas costeiras, então nós somos... Mayberry. Quem vai até Mayberry

para fazer um programa de TV quando se pode ir a Palm Beach? Vou te dizer: ninguém.

— Só se Mayberry tiver uma pâtissière que já trabalhou com o apresentador gostosão do programa, que todos achavam que ia para a cama com o tal apresentador gostosão para subir na carreira, que provou que estavam errados, subiu até o topo, conseguiu uma indicação ao James Beard por seu trabalho, e depois partiu e abriu uma pequena confeitaria na Geórgia.

Lani ficou em silêncio por um instante, enquanto seu estômago ficava pesado, como se estivesse cheio de chumbo.

— Fui chef executiva do Gateau por pouco mais de um ano, e, sim, talvez seja conhecida na indústria gastronômica. Ou fui. Fiz figuração nas telas, no máximo, e agora não estou mais lá. Mesmo que isso seja verdade, por que ele me arrastaria de volta para tudo aquilo? Por quê? O Baxter é e continuará sendo bem-sucedido o bastante sem mim, tenho certeza disso.

Charlotte soltou um suspiro.

— Eu não sei. Talvez ele pense que está ajudando de alguma maneira.

— O que é meio arrogante e ofensivo, você não acha? Não pedi ajuda, e definitivamente não a ajuda dele. Eu nem mesmo preciso de ajuda. Estou indo bem.

Por enquanto.

A verdade era que não tinha noção de como gerenciar o seu próprio negócio.

Quando tomara a decisão de ficar em Sugarberry, havia assinado o contrato de locação, comprado os equipamentos e formado um plano rudimentar, mas só pensara na saúde e no bem-estar de seu pai. Bem, também tentara não se sentir culpada por abandonar o Gateau e se preocupar com o fato de que deixara para trás o sucesso pelo qual tinha trabalhado tanto em Nova York. As coisas só ficaram ainda mais confusas quando se deu conta de que a principal sensação causada pelo fato de ter abandonado a carreira que conseguira com tanto esforço era... alívio.

Mesmo assim... ninguém tinha ficado mais surpreso do que a própria Lani ao descobrir que, em algum momento durante o período tenso e louco que levara para escolher o nome da confeitaria, instalar os equipamentos de cozinha, encher as prateleiras e os armários com as ferramentas necessárias, e arrumar as vitrines para seus doces... ela se apaixonara. Se apaixonara louca, desesperada, completa e ridiculamente. Por sua própria confeitaria.

Lani se sentia tão possessiva, como proprietária, e tão orgulhosa dela como se fosse um filho. Queria exibi-la, vê-la crescer e prosperar... e queria manter tudo

isso para si. Era como sua própria e em tamanho real confeitaria da Barbie, onde poderia brincar e satisfazer todos os seus caprichos criativos... sem nenhum risco de fracasso. E sem comentários.

Levara apenas seis meses e meio desde a ideia inicial até o dia da inauguração. Era um pequeno milagre realizar algo assim com tanta rapidez. Até mesmo em um lugar tão rural quanto Sugarberry, e contando com a influência de seu pai para conseguir as licenças necessárias, todos os segundos de todos os seus dias foram dedicados para realizar a proeza antes do festival de outono, quando ela acreditava que teria mais chance de causar impacto. Mas havia conseguido. A Cakes By The Cup fora oficialmente inaugurada fazia quatro semanas.

E, desde então, ela andava tendo miniataques do coração.

Lani faria qualquer coisa para manter sua confeitaria em funcionamento. Qualquer coisa, menos pedir ajuda para o Baxter; ele já fizera a sua parte, e ela era grata por isso. Mais do que grata. Se tudo que fosse necessário para uma confeitaria ter sucesso fosse ser um bom confeitoiro, então seria moleza. Até mesmo vendada e usando só uma das pernas. Baxter tinha garantido isso, mas ele não a ensinara a gerenciar negócios. Aquele não tinha sido o foco da parceria deles. Como sua assistente, Lani se concentrara na culinária e em aprender a confiar no seu talento natural. Posteriormente, como chef executiva do Gateau, havia sido responsável pelo cardápio, pela produção, pela qualidade e pela criação. Baxter e seus sócios eram os responsáveis pela burocracia, por assinar os cheques.

— Sabe, só existe uma forma de descobrir o que está acontecendo — disse Charlotte, fazendo com que Lani saísse de seus devaneios e voltasse a si. — Liga pra ele.

— O quê? Não. Não vou dar a ele a satis...

— Veja por este lado, Lani. Desse jeito, você controla o encontro, você fica no comando da situação.

— No comando? — repetiu Lani, sem emoção na voz. — Com o Baxter? Quando alguém conseguiu fazer isso? Ah, certo: nunca!

— Só estou dizendo...

— Charlotte tem razão — concordou Franco. — Pelo menos mostre a ele que você sabe o que está acontecendo, e deixa claro como vai lidar com isso. Você não trabalha mais pra ele, não gerencia mais o Gateau, não deve nada ao homem, Leilani. Pensa nisso. Baxter não faz mais parte da sua vida.

Ah, se isso fosse verdade, pensou Lani, mas depois parou, com as mãos em prontidão no saco de confeitaria. Franco realmente tinha razão. Ela não tinha pensado na

situação daquele jeito. Não em um sentido puramente profissional. Lani confrontara a notícia como a mulher que fora antes de sair de Nova York, aquela que ainda estava pateticamente meio apaixonada por um homem que não fazia ideia de que tinha sentimentos por ele, e que nunca a teria notado se não fosse por seu talento nato na arte de fazer doces.

Mas Lani não era mais aquela mulher. Não por completo, de qualquer forma. Não fazia tanto tempo assim desde que saíra de Nova York, mas tanta coisa havia acontecido desde que chegara a Sugarberry. Sua vida inteira tinha mudado. Ela havia mudado.

— Quer saber? Talvez vocês estejam certos.

Um gritinho de alegria soou do outro lado da linha.

— Quero saber de todos os detalhes! — afirmou Charlotte.

— Isso mesmo, *ma chérie amour!* — cantarolou Franco.

Uma série de sons de alarme soaram pelo viva voz.

— Tenho que ir, os bolos estão prontos — disse Charlotte, apressada.

— Nós estamos fazendo bolos solidários para te apoiar, *ma chère* — disse Franco. — Vamos servir aquelas suas gostosuras com especiarias, nozes, cobertura de cream cheese e cardamomo como o especial do dia.

— Obrigada, pessoal — disse Lani, com sinceridade.

— Todos os detalhes! Me liga! — ordenou-lhe Charlotte antes de desligar.

Ela ficou ali parada, segurando o saco de confeitaria, e olhou para as bandejas à sua frente. E pensou nos amigos em Nova York. Bolos solidários. Bolos que curavam.

— Melhorando a vida dos insatisfeitos, deslocados e ignorados — disse ela, sorrindo por um breve momento. — Um bolo de cada vez.

Lani e Charlotte sabiam muita coisa a respeito disso. Eram amigas desde a escola de culinária. Charlotte tinha mais experiência do que Lani, pois, depois de se formar, fora imediatamente trabalhar como pâtissière em um pequeno hotel luxuoso em Midtown, enquanto Lani decidira dar continuidade a seus estudos na Bélgica e na França. Logo depois, seus pais decidiram se mudar de Washington D.C. para Sugarberry. Fora um período cheio de transição e mudanças, mas também promissor e animado. A melhor amiga de Lani havia se lançado em uma carreira enquanto ela aprendia tudo o que podia com os melhores profissionais da Europa. Para o pai, fora o momento de se aposentar da polícia e assumir um desafio muito diferente na Geórgia... e para a mãe, que

crescera em Savannah, fora uma oportunidade de voltar para casa, para um lugar do qual sentia muita falta.

Lani e Char mantiveram contato esse tempo todo, e sua amizade só se fortalecia enquanto suas experiências separadas ampliavam suas respectivas carreiras e impulsionavam seus sonhos. Quando Lani voltara, Char ainda estava em Nova York, já tendo sido promovida pâtissière executiva do hotel. Franco estava no mesmo barco como braço direito de Charlotte, e rapidamente se tornara o outro melhor amigo de Lani. Ela recebera uma oferta de trabalho como confeitadeira de um conhecido restaurante em um hotel cinco estrelas no Upper East Side. No mesmo hotel que tinha acabado de importar o chef mais gostoso do Reino Unido; os Estados Unidos eram o mais novo desafio do jovem impetuoso e ridiculamente carismático Baxter Dunne.

A carreira dele sofrera uma ascensão meteórica, e Baxter levava Lani junto, transformando-a em sua assistente pessoal e protegida quando abriu, miraculosamente, o Gateau, apenas 18 meses depois. Ele crescera vertiginosamente em um mercado muito desafiador e competitivo. Três anos depois, quando entrara no mundo da culinária na TV, seu sucesso imediato não havia surpreendido ninguém.

Lani piscou para afastar as imagens mentais de Baxter, de como ele era na época, de quão loucamente apaixonada fora pelo carisma e pelo talento daquele homem, quase desde o momento em que pusera os pés naquela cozinha no Upper East Side pela primeira vez. Certo, a atração tinha começado antes. Ela já sabia muita coisa sobre Baxter, mais do que a maioria das pessoas, tendo ouvido falar dele durante o tempo que passara na Europa. Era três anos mais novo do que ela e estava anos-luz à sua frente em todas as formas mensuráveis em termos de trabalho. A confeitadeira em Lani queria ser Baxter quando crescesse. E a parte dela já adulta queria estar com ele *como* mulher. Tinha sido uma adoração e uma fantasia inofensivas.

Então ela havia conseguido a oportunidade de sua vida.

Fora convencida de que Deus e o destino estavam lhe enviando uma mensagem direta quando tentou e conseguiu um emprego tão perto dele.

Tão perto dele.

Lani fez uma careta por pensar maldade e passou para uma nova bandeja de cupcakes, forçando seus pensamentos a voltarem para o trabalho que estava fazendo.

A ironia patética era que ela desejara mesmo estar perto dele. O mais perto possível. Então todo mundo começara a fofocar, de um jeito bastante grosseiro,

que era exatamente isso que estava acontecendo. Quando não estava. Lani levou a culpa sem os benefícios.

A competição em qualquer cozinha era feroz, mas, com uma estrela em ascensão como Baxter conduzindo o show, a batalha para se destacar mais era completamente apocalíptica, e a oportunidade de fazer um nome e iniciar carreiras brilhantes eram os espólios da guerra. Baxter era o epítome do garoto de ouro, da sua aparência, seu comportamento, até seu talento impressionante. A especulação quanto ao relacionamento dos dois era o assunto do dia — de todos os dias. Alimentadas pelo ciúme, pelo medo e pela paranoia, as fofocas eram maldosas e cruéis. E não exatamente discretas.

Para acompanhar o ritmo caótico e as demandas insanas, uma cozinha precisava funcionar como uma máquina bem-calibrada, o que implicava trabalho de equipe no sentido mais básico. Era um ambiente pequeno, para não dizer mínimo, em que se trabalhava quase um em cima do outro. Não havia para onde ir, onde se esconder. E, certamente, nenhum lugar para se conversar em particular. Não que os fofoqueiros fossem se dar ao trabalho de fazer isso, de qualquer forma.

Sempre que podiam, pelo menos quando ela não estava trabalhando bem ao lado de Baxter, faziam de tudo para atacá-la.

Conforme Lani foi se destacando aos olhos do chefe, e ele lhe dava cada vez mais tratamento preferencial, as fofocas pioraram. O que ele poderia ver na garota tímida de Washington D.C., que era boazinha demais para o seu próprio bem? O que a tornava tão especial? O fato de Lani ter certeza de que olhava para Baxter como uma patética adolescente impressionada só tornava a lembrança ainda mais dolorosa. Ela tentara se controlar quando se dera conta do que estava acontecendo, quando ouvira o que estava sendo dito. Sabia que sua paixonite idiota só piorava as coisas. Tanto em termos pessoais quanto profissionais.

É claro que, em algum momento, quando tudo já fora longe demais, ela achara, esperara, que Baxter iria defendê-la. Afinal, ele era o príncipe no cavalo branco, não?

Tantas ilusões tinham sido estilhaçadas com tamanha rapidez. Lani era mais durona do que qualquer um deles pensava, e o tempo que passara no exterior a preparara de modos que muitos deles não poderiam ter imaginado. Era calma e educada porque optava por ser assim, não porque era uma idiota que não sabia se defender. Ela meramente se abstinha de fazer um escândalo, pois qualquer tentativa teria sido afogada pela maré que estava contra ela, de qualquer forma. Preferia ter

esperanças de que seu trabalho árduo e a confiança de Baxter falariam por ela, mas não fora esse o caso. Então, por fim, concluíra que, se quisesse sobreviver lá, o caminho mais fácil seria ficar em seu próprio mundo, criar uma tranquilidade ao seu redor, onde poderia se concentrar em aprender. E em Baxter. De preferência, nos dois ao mesmo tempo. Mas... nem sempre.

Lani aguentara quase cinco anos daquela insanidade constante. E, ao fazer isso, havia aprendido mais com seu mentor, em termos profissionais, do que havia esperado. Não se arrependia de nada. E daí que Baxter nunca a defendera? E daí se, na verdade, ele a jogara diretamente aos leões quando partira para as luzes brilhantes de seu novíssimo programa de TV, colocando o bebê dele, o Gateau, basicamente nas mãos dela? Lani havia resistido, não? Havia mostrado a eles.

Embora tivesse lhe custado. Não importava o quão calma e centrada ela permanecesse, aquele tipo de vida cobrava seu preço. Lani pensou em toda a boloterapia que ela e Char tinham feito durante aquele tempo. Geralmente, no meio da madrugada. Aqueles momentos nunca tinham nada a ver com seus respectivos empregos.

Era terapia para manter a sanidade.

O mundo delas duas poderia ser um caos descontrolado, mas confeitaria sempre fazia sentido. Farinha, manteiga e açúcar eram partes intrínsecas dela, assim como respirar.

Fazia muito tempo que Lani tinha perdido a conta das noites em que ela e a amiga haviam se enfiado em sua minúscula cozinha, ou na cozinha mais minúscula ainda de Charlotte, criando uma obra ou outra enquanto moíam e remoíam quaisquer que fossem os problemas do dia. Era a única coisa de que Lani realmente sentia falta em Nova York.

Ninguém em Sugarberry entendia como confeitaria acalmava. Algumas pessoas gostavam de um dry martíni. Lani e Char, por outro lado, desabafavam para sair do fundo do poço emocional enquanto comiam cupcakes deliciosos de baunilha e um pouco de calda de chocolate. Poderia demorar um tempinho a mais para fazer efeito do que uma bebida alcoólica... mas o consolo que Lani encontrava no processo confiável de medir os ingredientes e fermentar a massa era o que tornava a prática o seu martíni. Isso sem falar que os resultados finais eram bem melhores.

Aquelas noites também não se tratavam de excelência culinária. Quanto mais básica e simples fosse a receita, melhor. Talvez Lani deveria ter entendido isto desde o começo. Seu destino não se encontrava em Nova York e nem mesmo em Paris

ou em Praga, preparando os mais deliciosos e complexos bolos, e os mais delicados doces franceses. Não, a felicidade culinária — para ela, a mesma coisa que felicidade na vida —, seria vivenciada em um minúsculo pedaço de terra afastado da costa da Geórgia, onde ela poderia ficar à vontade para encher o mundo com seus gloriosamente despreziosos, rústicos, simples e pequenos cupcakes.

— Esta sou eu. — Lani ergueu o saco de confeitar em saudação. — A Barbie Confeiteira de Cupcakes!

Ela mirou com a pontinha prateada do saco e encheu uma fileira de cupcakes com framboesa, depois outra, com precisão e rapidez, e depois outra, e mais outra, antes de finalmente se esticar e apoiar no ombro o saco de confeitar vazio, como se fosse uma arma. Ela era um Barbie Confeiteira impiedosa, isso, sim.

— É... Sejam bem-vindos ao Clube do Cupcake — disse ela, fazendo sua melhor imitação de Brad Pitt em *Clube da Luta*.

Lani abriu um largo sorriso e tentou se convencer de que estava pronta para o verdadeiro teste de sua recém-descoberta tenacidade, a verdadeira prova de sua independência.

O telefonema.

Ela seria capaz de fazer isso. Faria isso. Não precisava mais se curvar aos caprichos de Baxter Dunne. Não estava ali, em sua própria cozinha, trabalhando por conta própria?

— Ah, se estou... É claro que estou!

Lani passou para a próxima bandeja, descartando o saco de confeitar vazio e pegando um novinho e cheio, o posicionando como um exímio *sniper* prestes a dar o próximo tiro.

— Ouviu isto, Chef Hot Cakes? — Ela colocou recheio nas próximas três fileiras com uma precisão mortal. — Eu... não... preciso... de... você. — Pontuou cada palavra apertando o saco de confeitar.

Endireitou-se. E soltou palavrões.

— É, é por isso que estou aqui, em pé, no raiar do dia, disparando recheio de framboesa como se fosse uma mulher armada com uma AK-47.

Mas Lani tinha que admitir que a sensação era boa. Sentia-se até mesmo poderosa.

Bolos que curavam, de fato.

Então, seguiu em frente. Passando para a última bandeja, soltou mais um esguicho de framboesa, visualizando o belo rosto dele enquanto fazia isso.

— *Por que você está fazendo isso comigo, Bax?* — *Pá-pá-pá.* — Por que está invadindo o meu mundo? — *Pá-pá-pá.* — *Meu mundo, minha cozinha, meu lar.*

Tantas eram as perguntas fervilhando no seu cérebro. Elas tornavam impossível pensar direito, impossibilitando que se concentrasse em qualquer outra coisa que não fosse...

— Droga! — Lani olhou com ódio para o cupcake que transbordava recheio trufado, vazando, como se ele houvesse cometido um crime inafiançável.

Culpava Baxter por aquilo também.

Talvez tenha até rosnado, mas só um pouco. Era idiota ficar preocupada com isso. Como dissera Franco, era ela quem tinha o controle agora.

Quem se importava com o motivo pelo qual ele estava indo até sua cidade?

Ou como ela se sentiria ao vê-lo novamente? Lani já lidara com coisas piores, sabia disso. Coisas muito, muito piores. A perda da mãe, dois anos atrás. A quase perda do pai há dez meses.

— Consigo lidar com Baxter Dunne — murmurou ela.

Porém, enquanto estava ali parada, com farinha de trigo nos cabelos, uma mancha de recheio de framboesa no queixo, um saco de confeitaria vazio na mão, feliz e contente em seu próprio habitat, pensou nisso tudo e tentou canalizar sua Barbie Confeiteira Durota... Tentou mesmo, mas continuava visualizando o rosto dele, ouvindo sua voz, vendo suas mãos, tão belas e eficientes enquanto trabalhava, fazendo com que cada uma das etapas parecesse tão simples, tão fácil... desejando que ele colocasse aquelas mãos habilidosas e talentosas nela... e se viu falhando em seu propósito. De um jeito terrível.

O som da porta de serviço batendo com força atrás dela fez com que Lani se virasse de forma abrupta, e o saco de confeitaria voador fez com que pelo menos meia dúzia de cupcakes recém-recheados fossem parar no chão.

A visão com que seus olhos se depararam fez com que seu coração batesse mais rápido. Como apenas Baxter conseguiria fazer.

Ele era muito alto, com pernas e braços longos que ficariam desajeitados em qualquer outra pessoa, mas eram graciosos e elegantes em seu corpo esguio e musculoso. Tinha cabelos espessos, loiro-claros, que sempre ficavam espetados para todos os lados, olhos castanhos tão brilhantes e cálidos que competiam até mesmo com o mais delicioso chocolate derretido, e um sorriso torto e ridiculamente charmoso, que sempre fazia com que ela ficasse imaginando em que encrenca Baxter havia se metido... e desejar, desesperadamente, juntar-se a ele.

— Olá, meu bem. Está feliz em me ver? Meu Deus, você está com uma cara terrível!

E sempre, sempre, tarde demais, Lani se lembrava de que a encrenca em que ela própria estava eternamente se metendo... era ele.